

O Tesouro do Avô Tito

Paulo Jorge Pereiros

Estávamos nos últimos dias de agosto. Soprava uma leve brisa anunciando ao ouvido que o Verão estava a chegar ao fim.

Junto à Lagoa das Rãs, à sombra de um velho freixo, preguiçavam os nossos três amiguinhos. Teco, um gatinho traquina, observava uma pequena rã que coaxava ao sol. Enquanto isso, a sua amiga Pipas, uma gatinha branca como a neve, deitada de bruços sobre uma grande pedra que estava junto ao freixo, contava as formigas que passavam num carreiro. Ao seu lado, estava a Nocas, uma coelhinha brincalhona que se divertia atirando pedrinhas para a água.

– Pára com isso, Nocas! Ainda vais assustar esta rã! – disse o Teco, temendo que a rã que observava mergulhasse a qualquer momento.

– Estou tão aborrecida! – queixou-se a Nocas – Nunca pensei que as férias pudessem ser tão chatas!

– Mas pelo menos não temos trabalhos escolares! – adiantou a Pipas, que o que tinha de elegância tinha de preguiça.

– Tenho uma ideia! Não querem ir lanchar a casa da minha avó Esmeralda? – perguntou de repente o Teco. – Ela faz as melhores bolachas de manteiga do mundo!

– Ora aí está uma bela ideia! – concordou de imediato a Nocas. – Se vou passar a tarde aborrecida, pelo menos quero estar aborrecida de barriga cheia!

– Por mim vamos já! – disse logo a Pipas. – As bolachas da tua avó são uma delícia.

Sem pensar duas vezes, lá foram os três saltitando até à casa da avó Esmeralda.

Após um curto passeio pela floresta, chegaram defronte da casa da avó do Teco.

Era uma bonita casinha de madeira, com cortinas vermelhas nas janelas e umas escadinhas que davam para um pequeno alpendre, onde se encontrava a porta de entrada entreaberta. Aos lados da porta estavam uns bonitos vasos com umas flores coloridas, que tinham sido regadas há pouco tempo. A um dos cantos do alpendre estava uma cadeira de baloiço. O Teco ainda se lembrava de ver o avô Tito a baloiçar na cadeira ao fim da tarde. E foram tantas as histórias deliciosas que ele ouviu ao seu colo!...

Mas o avô já não estava entre eles. Tinha feito uma grande viagem, dissera-lhe a avó. O avô Tito fora para um belo prado verde, escolher um lugar bonito e começar a construir uma casa onde um dia todos viveriam felizes.

“Manias do avô, em querer fazer tudo sozinho!”, pensava muitas vezes o Teco.

Mas saber que um dia voltaria a estar com o avô ajudava-o a suportar a sua ausência.

Ao chegarem junto à porta entreaberta, o Teco chamou pela avó. Mas não obteve resposta. Voltou a chamar, mas só o silêncio lhe respondia.

– Que estranho! A avó costuma estar sempre em casa! – disse o Teco intrigado. – Vamos entrar e ver o que se passa.

– Achas que devemos? – perguntou a Pipas meio assustada.

– Claro que sim! Afinal, é a avó do Teco, não estaremos a entrar numa casa de desconhecidos! – afiançou logo a Nocas muito resoluta.

E lá entraram os três pequenos. O Teco à frente, seguido logo pela Nocas, com a Pipas uns passos mais atrás, um pouco assustada, mas sem perder a compostura.

– Avó! Sou eu, o Teco! – gritou o gatito entrando pela cozinha. – Onde estás?

Silêncio. Ficaram os três à escuta. De repente, ouviram um barulho vindo do sótão. Pum-catrapus!

A Pipas correu logo para a porta! O Teco e a Nocas ficaram parados no mesmo sítio. Um misto de medo e curiosidade tomou conta deles.

De seguida ouviram-se passos caminhando para as escadas que desciam do sótão.

– Avó! És tu? – perguntou o Teco a medo, fazendo um esforço para a sua voz não sair tremida. A Nocas nem pestanejava.

Ao cimo das escadas surgiu então um vulto a sacudir a poeira da roupa.

– Olá! Temos visitas! – disse a avó Esmeralda num sorriso. – Que bons ventos vos trazem?

– Avó! – gritou o Teco de alegria. – Que susto nos pregaste!

– Eu é que vos assustei? – A avó Esmeralda não conseguiu conter uma gargalhada. – E quem foram os marotos que foram entrando pela minha cozinha?

– Pois, eu disse-lhes que não deveríamos ter entrado! – respondeu logo a Pipas que agora já estava junto aos outros.

– Não faz mal! – disse a avó. – Estava a brincar. Vocês são sempre bem-vindos a esta casa! O que seria da minha vida sem a vossa companhia. São as vossas travessuras que me fazem sentir mais jovem! Eu também já fui uma menina traquina como vocês! – confessou a avó, sorridente.

– Mas digam lá, o que vos traz por aqui? – perguntou a avó.

– Sabes avó – começou o Teco –, estávamos junto à Lagoa das Rãs, quando nos lembrámos de te fazer uma visita!

– E já que aqui estamos, podíamos comer uma ou duas bolachinhas de manteiga... – rematou a Pipas, timidamente.

A avó deu uma gargalhada. – Seus marotos! Vocês vieram foi visitar as bolachas!

Os pequenos olharam uns para os outros e sorriram envergonhados. A avó lera-lhes o pensamento.

– Então vamos combinar uma coisa. Vocês ajudam-me a arrumar o sótão e eu faço-vos uma travessa de bolachas – propôs a avó. – O que acham?

Os pequenos aceitaram logo sem precisar de pensar duas vezes!

Era uma bela proposta! Podiam vasculhar as mil e uma coisas que havia no sótão e ainda seriam recompensados com uma travessa de

bolachas! E pensar que ainda há pouco estavam aborrecidos junto à lagoa.

Subiram imediatamente ao sótão. A Pipas sempre um pouco atrás.

Quando entraram no sótão, apenas se viam sombras, foi preciso esperar um pouco para os seus olhitos se habituarem à pouca luz que entrava por duas clarabóias no telhado.

Um misto de cheiro a papel velho e a pó chegou-lhes rapidamente ao nariz.

– É o cheiro a mistério – brincou a Nocas.

– Está tão escuro – lamentou-se a Pipas –, aposto que há por aqui dezenas de aranhas e outros bichos!

– Pois azar o delas, porque vamos pôr isto de pernas para o ar! – disse o Teco, já com um brilho nos olhos e antevendo muitas descobertas interessantes.

– Sim, mas lembra-te que o nosso trabalho aqui é arrumar, não é pôr tudo de pernas para o ar! – ajuizou sensatamente a Nocas.

– Eu sei – disse o Teco –, mas para se arrumar, primeiro é preciso saber o que há para aqui!

E lá puseram mãos à obra. O Teco ia separando as coisas e encostando tudo a um lado, enquanto a Nocas ia varrendo o espaço que ia ficando vazio. A Pipas, por seu lado, ia tentando fugir ao pó e a qualquer bichinho por mais pequeno que fosse.

– Olha, o chapéu do meu avô Tito! – exclamou o Teco de repente, experimentando o chapéu e mirando-se a um velho espelho empoeirado, que estava encostado a uma das paredes. – Era o seu chapéu preferido.

– Mas mesmo a um cabeçudo como tu, ainda fica grande! – brincou a Nocas.

O Teco nem a ouviu, ou então fez que não ouviu, continuando a pavonear-se com o chapéu do avô frente ao espelho.

Continuaram com a arrumação. Já faltava menos de metade! E lá de baixo, da cozinha, já vinha um cheiro delicioso a bolachas de manteiga no forno.

Estava o Teco a arrumar uns velhos livros escolares, talvez dos seus pais, quando ouviu as meninas a rir.

E se a Pipas ainda se tentava conter, a Nocas ria a bandeiras despregadas. Aproximando-se sorrateiramente, o Teco viu a razão de todo aquele alarido. Umas fotografias de família, muito bem coladas num velho álbum, onde se podia apreciar uma foto do Teco com fraldas, uma camisolita amarela e a chupeta a tiracolo.

Muito vermelho, este apressou-se a escondê-la, dizendo entre dentes:

– Vá lá meninas! Temos trabalho a fazer! E estas coisas não se vão arrumar sozinhas!

Muito riu a Nocas o resto da tarde, às custas daquela foto. Cada vez que se lembrava, lá soltava uma gargalhada e depois para disfarçar dizia que eram as teias de aranha que lhe faziam cócegas. O Teco fingia que nem a ouvia. A Nocas era assim.

De repente a Pipas soltou um grito assustada.

– Depressa! – gritou a Nocas. – Vamos ver o que é!

O Teco pegou numa vara que estava encostada a um canto e correram em auxílio da sua amiga.

Quando chegaram junto da Pipas, estava esta encostada à parede e apontava para o chão, mal conseguindo articular as palavras:

– Ali, no chão... A caminhar para aqui...

Foi preciso esforçarem um pouco a vista para verem a pequena aranha que fugia das limpezas.

– Oh, Pipas! É aquele o motivo deste susto todo? – resmungou a Nocas. – Até pensei que te tinhas assustado com mais alguma fotografia do Teco – gracejou.

O Teco nem lhe respondeu, só olhou para ela e franziu o sobrolho.

Sentindo-se já mais segura com os seus companheiros por perto, a Pipas ainda se tentou defender, dizendo que a aranha lhe tinha parecido muito maior...

– Já agora, porque tens essa cana de pesca na mão? – observou a Pipas. – Ias salvar-me pescando a aranha? – gracejou ela já recuperando a compostura e a elegância habituais.

Só então é que o Teco reparou que aquela vara que ele tinha agarrado ao canto do sótão era a velha cana de pesca do avô.

– Uau! Tantas vezes que o meu avô me levou a pescar com ela! Aposto que consigo apanhar alguns peixes na Lagoa das Rãs. – E começou a pavonear-se novamente em frente ao espelho.

– Sim, mas vamos terminar esta arrumação, porque já cheira muito bem a bolachas! – lembrou a Nocas.

Num ápice, terminaram de arrumar tudo e desceram à cozinha. O Teco levava consigo a velha cana de pesca, pedindo-a emprestada à avó.

– Claro que a podes levar! – assentiu a avó. – O teu avô ficaria muito orgulhoso em saber que a desejas para ti. Ele sempre disse que um dia gostava que tu ficasses com a sua cana de pesca. Nunca percebi porquê. Velha como está...

– Ainda me lembro das tardes de pescaria com o avô! – exclamou o Teco, todo orgulhoso por ficar com a cana para si.

– Pois, tudo isso é muito bonito, mas as bolachas estão a arrefecer! – lembrou, impaciente, a Pipas.

Soltaram todos uma gargalhada e atacaram a travessa das bolachas.

Após o lanche, despediram-se da avó Esmeralda e decidiram ir experimentar a cana de pesca na Lagoa das Rãs.

Era vê-los ainda a lamberem-se por causa das bolachas de manteiga, com o Teco a liderar a marcha, de peito inchado por levar a cana de pesca ao ombro.

Quando chegaram à Lagoa das Rãs, já o sol descia no horizonte. As rãs coaxavam ao entardecer. E que ruído! Não havia dúvidas de onde tinha surgido o nome da lagoa.

– Vamos lá ver se ainda me lembro como fazia o avô Tito! – disse entusiasmado o Teco, lançando o anzol à água.

– Já não temos muito tempo – comentou a Pipas –, não tarda a escurecer!

– Vá lá, Pipas! Não sejas desmancha-prazeres! – queixou-se a Nocas.

O Teco lá ia tentando imitar os gestos do avô que ele tantas vezes presenciara. Mas não estava a ser fácil. Em apenas dez minutos já tinha enleado a linha à sua volta, prendido o anzol num ramo da árvore e escorregado duas vezes, quase indo parar à água...

Quem se estava a divertir à grande eram as meninas! A Nocas já não podia de tanto rir. Até a Pipas, normalmente mais comedida, soltava grandes gargalhadas.

– Tens a certeza que não queres praticar primeiro na banheira? – perguntou entre risos a Nocas.

O Teco nem ligava. Ele sabia muito bem o que estava a fazer. Estava um pouco enferrujado, só isso. Veriam quando ele pescasse o seu primeiro peixe!

No entanto, de súbito ele parou de tentar lançar o anzol à água e encostou o ouvido à cana. Aquilo despertou a curiosidade da Pipas e da Nocas.

– O que foi, Teco? – perguntou a Pipas muito interessada.

– Parece que está alguma coisa dentro da cana. Como se estivesse oca e houvesse algo solto lá dentro – explicou o Teco.

– Tenta abrir pelo fundo – disse a Nocas.

E o Teco assim fez. Desenroscou uma pequena tampa na ponta do cabo da cana de pesca. Lá de dentro caiu um papelinho enrolado, amarelecido pelo tempo.

– O que é isso? – perguntou a Pipas.

O Teco pegou no papelito e desenrolou-o. Após uma primeira vista de olhos anunciou:

– É um bilhete do avô Tito!

Os pequenos foram logo sentar-se na grande pedra à sombra da árvore, para saberem o que estava escrito no velho bilhete.

«Querido Teco, se estiveres a ler estas linhas é porque decidiste pescar com a minha velha cana. Eu sabia que mais tarde ou mais cedo ela iria acabar nas tuas mãos.

Presta atenção ao que te vou contar. Num sítio bem escondido existe um tesouro muito valioso. Talvez mesmo o maior tesouro de sempre! Mas para o encontrares tens de fazer por merecê-lo. Lê para lá das palavras:

*Na velha mina entrarás
E ao mesmo tempo as cordas puxarás
A partir daí mais saberás!*

Beijos do avô,

Tito»

Os três pequenos entreolharam-se, com os olhos abertos de espanto.

– Um tesouro? O avô tinha um tesouro? – interrogava-se o Teco.

– Temos de ir procurá-lo! – disse a Nocas entusiasmada.

– Hoje já não vai dar – ajuizou a Pipas –, está a anoitecer.

Os outros dois concordaram. Já era tarde, tinham de ir para casa.

– Amanhã encontramo-nos aqui, para procurar este tesouro! – exclamou o Teco. – Logo depois do pequeno-almoço!

Todos concordaram. E lá partiram para as suas casas, interrogando-se sobre qual seria o tesouro escondido.

A Pipas imaginava que seria uma arca cheia de pedras preciosas, pulseiras, colares, anéis e talvez uma tiara. Ela sempre quis usar uma tiara.

A Nocas ia para casa sonhando acordada com a aventura que lhes estava prometida, naquela busca pelo tesouro.

Nessa noite, o Teco mal conseguiu dormir. Qual seria o tesouro? Apostava que era um tesouro pirata! Talvez até tivesse ainda a espada do Barba Negra!

Após uma noite mal dormida e um pequeno-almoço comido à pressa, os três amiguinhos encontraram-se debaixo do grande freixo, junto à Lagoa das Rãs.

– Esta noite estive a pensar e já sei onde é a mina que o avô fala no bilhete – começou o Teco. – É a velha Mina da Prata, na Floresta dos Sussurros. O meu avô falava-me dela às vezes. Diziam que estava assombrada. O avô ria-se e dizia que era uma tolice, mas eu sempre tive as minhas dúvidas.

– Esta caça ao tesouro começa logo numa mina assombrada? – preocupou-se a Pipas. – O teu avô não brincou em serviço quando escondeu esse tesouro!

– Vamos lá! – disse a atrevida Nocas. – Estou desejosa de começar a procurar!

E lá foram os três amiguitos naquela manhã ainda fresca, mas já a prometer um dia quente de Verão.

A Floresta dos Sussurros ganhou este nome, graças ao barulho que o vento costuma fazer através dos ramos das árvores no Inverno. Mas nesta manhã de Verão, apenas se ouviam cantar os pássaros.

– Estamos quase a chegar – afirmou o Teco. – Depois é preciso procurar as cordas de que fala o avô.

Quando chegaram à entrada da mina, a Pipas ficou logo de pé atrás ao ver tantas teias de aranha a tapar a entrada.

– Eu não entro aí! – disse ela assustada. – Sabe-se lá há quanto tempo ninguém cruza essa entrada!

– Não sejas pateta – interveio a Nocas. – Vamos afastar as teias e procurar o tesouro!

– Mas e se a mina estiver mesmo assombrada? – perguntou a Pipas a medo. – Não sei se isto é boa ideia!

– Não se preocupem, eu vou à frente! – disse o Teco mostrando segurança.

Acendendo uma pequena lanterna, que providencialmente trouxera de casa, o Teco entrou na mina e tomou a liderança. As meninas entraram logo depois dele.

Quando deram os primeiros passos sentiram um forte cheiro que parecia um misto de terra molhada, madeira podre e ferrugem. Já não entrava ali ninguém havia muito tempo.

Após alguns metros, puderam ver claramente duas cordas penduradas junto à parede rochosa, separadas uma da outra por cerca de cinco metros. A Nocas adiantou-se e puxou a primeira corda, mas nada aconteceu.

– O avô Tito disse “Ao mesmo tempo as cordas puxarás” – lembrou o Teco. – Temos de puxar as cordas ao mesmo tempo. Eu puxo esta e tu puxas aquela! – disse para a Nocas.

– Eu pego na lanterna! – ofereceu-se a Pipas.

E assim fizeram. Ao serem puxadas em simultâneo, as cordas cederam e do tecto da mina caiu uma pequena caixinha de madeira, que era pouco maior que uma vulgar caixa de fósforos.

– Olhem! – exclamou a Pipas, apontando a lanterna para a caixinha. – Será este o tesouro?

O Teco pegou na caixa e saíram da mina. O ar húmido e pesado estava a tornar-se irrespirável.

Quando voltaram para a luz do sol, respiraram fundo e concentraram-se então na pequena caixinha. Era uma simples caixinha de madeira, que não parecia albergar grandes tesouros.

– Abre lá a caixa! – disse a Nocas impaciente.

– Calma, está um pouco emperrada. Deve ter inchado com a humidade da mina... – respondeu-lhe o Teco enquanto tentava forçar a caixa.

Após alguns instantes que pareceram intermináveis, a caixa estava aberta. Lá dentro estava um papel dobrado e uma bolsinha com uma moeda antiga.

– O que diz no papel? – quis saber a Pipas.

– É a letra do meu avô! – disse entusiasmado o Teco. – Vamos ler!

Sentaram-se os três no chão e prepararam-se para ler com atenção.

«Bravo, querido Teco! Se estás com este papel na mão é porque vais no bom caminho!

Junto está uma valiosa moeda antiga que pertence ao Sr. Julião. Faz com ela aquilo que entenderes.

*Beijos do avô,
Tito»*

– Só isso? Esse é que era o grande tesouro? – lamentou-se a Pipas. – Uma única moeda?

– Pelo menos é valiosa – disse a Nocas. – Podemos vendê-la e já deve dar para um bom saco de rebuçados!

– Nham! – disse a Pipas, esfregando a barriga. – É uma bela ideia! Assim já não perdemos tudo.

– Pois, mas o meu avô disse que pertence ao Sr. Julião – lembrou o Teco. – Por isso, na realidade nem sequer é nossa.

– Mas isso já foi há tanto tempo! – exclamou a Pipas. – O Sr. Julião já nem se deve lembrar que essa moeda existe. E a nós dava-nos um certo jeito! – disse ela enquanto lambia os lábios.

– Não! Vamos levá-la ao Sr. Julião. O seu a seu dono – sentenciou o Teco.

– Por muito que me custe, concordo com o Teco – disse a Nocas. – Se a moeda não é nossa, não devemos ficar com ela. E para além disso, já foi divertido tê-la encontrado!

– Está bem. Acho que têm razão – assentiu a Pipas. – Vamos lá procurar o Sr. Julião.

Assim, os nossos três amigos saíam da Floresta dos Sussurros e dirigiram-se para a pequena aldeia do vale, onde o Sr. Julião tinha a sua loja de antiguidades.

Apressando o passo, debaixo de um calor intenso, depressa chegaram à aldeia. Dirigiram-se à loja de antiguidades e chamaram pelo Sr. Julião.

O Sr. Julião, um velho texugo, era colecionador de antiguidades e mantinha a sua loja aberta há já muitos anos. Mas na verdade, eram mais os objectos que adquiria do que aqueles que vendia. E ele era muito feliz assim.

Quando ouviu os meninos chamá-lo, assomou-se à porta da loja e pediu-lhes que entrassem.

– Olá, Sr. Julião! – cumprimentaram os meninos em coro.

– Olá, pequenos! O que procuram aqui na minha loja? – perguntou-lhes o texugo. – Aqui só há velharias, começando por mim! – brincou ele.

– Encontrámos uma moeda que pensamos ser sua – disse o Teco mostrando a moeda antiga.

– Ora, vejam só! – exclamou surpreso o texugo. – Nunca pensei voltar a vê-la! Aquele Tito sempre me saiu um adivinhão!

– Desculpe, como disse? – perguntou curioso o Teco. – O senhor conheceu bem o meu avô?

– Sim, há já muitos anos! – disse o Sr. Julião. – Mas sentem-se que eu conto-lhes como foi.

E os pequenos sentaram-se num velho sofá restaurado, com pinta de ter pertencido a alguma família nobre. Com os olhos cheios de curiosidade postos no Sr. Julião, prestaram-se a ouvir o que este tinha para lhes dizer.

– Eu conheci o teu avô há muitos anos. Fomos amigos de infância, como vocês o são agora. Crescemos e cada um teve o seu ofício. O teu avô, como sabes foi carpinteiro e eu abri esta loja de antiguidades – foi dizendo o texugo.

– Mas onde entra essa moeda? – interrogou a Nocas.

– Essa é outra história – explicou. – Um dia o Tito apareceu-me aqui na loja e quis comprar-me uma das moedas mais valiosas que eu tinha. Como não queria ficar sem ela, recusei. Ele insistiu e pediu-me emprestada. Adiantando que seria o seu neto que um dia ma devolveria. Sem compreender muito bem o que ele queria dizer com

aquilo, emprestei-lhe a moeda. Mas depois dele ter partido de entre nós, confesso que nunca mais pensei voltar a vê-la.

– E cá estou eu a devolvê-la! – disse o Teco orgulhoso de ter cumprido a palavra do avô.

– Pois é! – confirmou o Sr. Julião. – E agradeço muito que a tenhas devolvido, porque faz parte da minha coleção.

– Então, agora que está entregue, vamos almoçar que se faz tarde! – falou a Pipas, que até aí tinha estado muito calada.

– Só um momento, pequenos – interrompeu o Sr. Julião. – Quando o teu avô levou a moeda, deixou-me um envelope para te dar no dia em que aparecesses por aqui a devolvê-la.

– Um envelope do avô? – perguntou o Teco incrédulo, mas radiante.

– Sim, deixa-me ir ver onde o guardei – disse o texugo enquanto se dirigia para o interior da loja. – Esperem-me aqui, pequenos.

Um instante depois, os nossos amigos saíam da loja com o velho envelope.

Atrasados para irem almoçar, mas curiosos para saberem o que estava no envelope, os pequenos percorreram a rua principal da aldeia debaixo do sol do meio-dia.

– Abre lá o envelope! – reclamava a Nocas.

– Calma – pediu o Teco –, vou já abrir.

Lá dentro estava outro bilhete do avô, que o Teco se prontificou a ler alto aos amigos.

«Querido Teco, sabia que podia confiar em ti! Se estás a ler este bilhete, é porque tomaste a decisão certa e cumpriste a minha promessa ao Sr. Julião.

É com muito orgulho que te digo que o tesouro está cada vez mais perto. O que te separa agora do tesouro é o que sempre me separou a mim do sol.

Beijos do avô,

Tito»

– Então a moeda não era o tesouro! – exclamou a Nocas entusiasmada. – O tesouro ainda está algures por aí!

– Pois, mas desta vez não sei onde procurar a seguir – disse o Teco com tristeza. – Como é que o avô diz que o tesouro está cada vez mais perto se o que nos separa é o que sempre o separou a ele do sol!... Ora o sol está a milhões de quilómetros de distância! Não entendo nada!...

– Também não compreendo – comentou a Pipas. – É melhor irmos almoçar enquanto pensamos no assunto.

Guardando o envelope no bolso, com os ombros inclinados para a frente e a cabeça baixa, o Teco decidiu que realmente o melhor a fazer agora era irem almoçar. E lá seguiram os três pequenos, pela rua fora.

Mais que mastigar a comida, durante a refeição, o Teco mastigou as palavras que o avô lhe tinha escrito... «*O que te separa agora do tesouro é o que sempre me separou a mim do sol.*»

Não encontrava sentido nesta pista deixada pelo avô.

A mãe, vendo-o tão pensativo, resolveu animá-lo metendo conversa.

– Então, tens visto a avó Esmeralda? – perguntou com um ar natural e descontraído.

– O quê? – perguntou o Teco distraído. – Ah! Sim, estive lá ontem, com a Nocas e a Pipas.

– Ontem? – questionou a mãe. – E a avó está bem?

– Sim, está ótima – respondeu o Teco. – Estivemos a ajudá-la a arrumar o sótão. Só queria que me viesses com o velho chapéu do avô!

De repente, antes que a mãe pudesse responder, gritou:

– É isso! O chapéu! – E, levantando-se da mesa a correr, despediu-se da mãe. – Até logo, mãezinha! Desculpa, eu depois explico!

Passou numa correria desenfreada pela casa da Nocas e da Pipas, ainda estas não tinham acabado de almoçar.

– Venham depressa! – exclamou. – Precisamos de ir a casa da avó Esmeralda!

– Mas que pressa é essa? – perguntou a Pipas já pelo caminho. – Por tua causa nem comi a sobremesa!

– Vamos! Já entendi o enigma do avô! – disse o Teco muito orgulhoso.

– E a resposta está na casa da tua avó? – perguntou a Nocas, também ela muito entusiasmada.

– Sim, mais propriamente no sótão! – esclareceu o Teco. – Agora já percebi! O que sempre separou o meu avô do sol foi nem mais nem menos que o seu velho chapéu! Ele levava-o sempre quando íamos pescar!

– Pois é! A resposta era mais simples do que parecia! – exclamou a Pipas. – E nós a pensarmos na distância daqui ao sol... Que tolos!

Com todo aquele entusiasmo, depressa chegaram à casa da avó Esmeralda.

– Avó! Avó! – gritou o Teco, ainda a ofegar.

A avó apareceu à soleira da porta, com o seu avental colorido.

– O que se passa? – perguntou admirada perante tal frenesim. – Não é ainda um bocado cedo para o lanche? – brincou ela, piscando um olho à Pipas.

A Pipas sorriu, meio atrapalhada. Todos gostavam das bolachas da avó, mas era ela sem dúvida quem mais as adorava.

– Não, avó! Não estamos aqui por causa das bolachas – explicou o Teco tentando recompor-se da correria. – Viemos por outro motivo!

– Entrem e digam lá o que vos traz aqui – disse a avó, empurrando a porta para poderem passar.

Já sentados à mesa, os pequenos começam então a explicar o motivo da sua visita.

– Avó, preciso de dar uma vista de olhos no velho chapéu do avô Tito – disse então o Teco. – Tu não sabes, mas desde que levei a cana de pesca do avô temos andando num corrupio de aventuras.

– Só mesmo tu para te meteres em aventuras por causa de uma velha cana de pesca! – exclamou a avó sorrindo.

Os pequenos relataram então todas as peripécias por que passaram, desde que leram o primeiro bilhete do avô Tito.

A avó ia ficando cada vez mais incrédula perante as aventuras que os pequenos lhe contaram.

– Um tesouro? O teu avô! Imagine-se! – dizia ela entre um sorriso. – Isso é alguma partida daquele velho lunático!

– Talvez, mas é por isso que preciso ver melhor o seu chapéu – respondeu-lhe o Teco.

– Vão lá ver o chapéu à vontade. A propósito, fizeram um excelente trabalho na arrumação que deram ao sótão! Parabéns! – elogiou a avó.

– Obrigada, fizemos o nosso melhor! – disse a Pipas chegando-se à frente.

O Teco e a Nocas entreolharam-se e não conseguiram evitar um sorriso. A Pipas não tinha ajudado grande coisa na arrumação, mas tinha arrumado muito bem metade da travessa das bolachinhas de manteiga.

– Vamos! – disse por fim a Nocas, que já estava a ficar impaciente.

E lá foram os pequenos pelas escadas acima até ao sótão.

A avó Esmeralda, que ficou na cozinha a lavar a loiça, olhou ao céu e sorriu enquanto abanava a cabeça:

– Tito, Tito! Só tu para pores estes pequenos traquinas à caça de um tesouro imaginário!

Lá em cima, os meninos já estavam de volta do chapéu.

– Vê se tem alguma coisa escrita – disse a Nocas.

– Espera, talvez no forro! – exclamou o Teco, procurando na parte interior do chapéu.

Percorreu todo o forro do chapéu, mas não estava a encontrar nada. Até que reparou num pedacinho do forro descosido. Aquele velho chapéu de pescador estava prestes a revelar o seu tesouro.

– Aqui! – gritou ele entusiasmado. – Está aqui um papelinho! Estava muito bem escondido! Nem por sombras o acharia aqui se não estivesse à procura dele...

– Vê o que diz! – disse a Pipas, também ela tomada pelo nervoso miudinho que se fazia sentir.

– Calma, vamos mais para baixo da clarabóia – disse o Teco.

E assim fizeram. Correram para baixo da clarabóia e, iluminado pela suave luz que entrava pela abertura no telhado, o Teco leu o pequeno papel em voz alta.

*«Estou muito orgulhoso de tí, meu querido Teco.
Conseguiste chegar até aqui! Agora podes recolher o teu tesouro.
Podes encontrá-lo atrás do velho espelho.*

*Beijos do avô,
Tito»*

– O tesouro esteve aqui no sótão este tempo todo? – A Nocas não podia acreditar!

– Vamos! – exclamou o Teco, cada vez mais entusiasmado. – Ajudem-me a desencostar o espelho da parede.

Era um espelho enorme, rectangular, com o dobro da sua altura, que possuía uma moldura bastante trabalhada. E era bastante pesado também. Mesmo entre os três, tiveram muitas dificuldades para o desencostar da parede.

– Cuidado! – avisava a Pipas. – Não podemos deixá-lo cair!

– Este espelho estava bem era na loja do senhor Julião! – disse a Nocas enquanto se esforçava por ajudar o Teco a arrastá-lo.

– Não digas isso! – disse o Teco um pouco indignado. – Este espelho esteve na sala de jantar dos avós durante muitos anos. Só veio parar aqui porque se tornou muito pesado para a avó limpar. Acho que era da minha bisavó!

– Mais força e menos conversa! – disse a Pipas, tentando arrastar o espelho. – Ainda quero ver esse tesouro hoje!

Entre os três lá conseguiram afastar o espelho da parede o suficiente para o Teco procurar o tesouro.

– Não vejo nada. Está muito escuro – disse ele, enquanto procurava algo atrás do espelho às apalpadelas.

– Esperem! Parece-me estar algo aqui colado na parte de trás do espelho – anunciou o Teco entusiasmado. – É um envelope!

– Esperava algo maior... – lamentou-se a Pipas. – Uma arca do tesouro!...

– Trá-lo! – pediu a Nocas. – Vamos ver o que tem!

– Não! Aqui está muito escuro! – interveio a Pipas. – Vamos para um sítio com mais luz.

– Já sei! – disse o Teco. – Vamos para a Lagoa das Rãs. Afinal foi lá que começámos esta aventura!

E lá foram os três pequenos, atravessando a cozinha da avó Esmeralda num reboiço. Esta nem teve tempo de falar com eles.

– Meninos! Onde vão nessa correria? – perguntou ela quando eles já iam a sair à porta.

– Vamos ver o nosso tesouro, avó! – gritou ainda o Teco de fugida.

– Mas espera-nos para o lanche!

As meninas riram!

Num ápice chegaram à Lagoa das Rãs. Sentaram-se na pedra à beira da lagoa, debaixo da sombra do grande freixo e com as mãos a tremer, o Teco começou a abrir o envelope.

Lá dentro, para lá de uma carta, estavam quatro pequenas figuras talhadas em madeira.

– O que são? – quis saber a Nocas, observando as figuras nas mãos do Teco.

– São pequenos bonecos em madeira. O meu avô costumava esculpir pequenos bonecos enquanto preguiçava na sua cadeira de baloiço. Ele adorava trabalhar em madeira e mesmo nas horas vagas continuava a fazer aquilo que mais gostava. Passava horas de volta de cada boneco – explicou o Teco.

– E a carta o que diz? – perguntou a Pipas.

– Vou lê-la para vocês – disse o Teco, enquanto aclarava a voz.

«Querido Teco, parabéns! Sempre soube que um dia lerias estas linhas. Não me enganei a teu respeito.

Começaste por procurar um tesouro. Pois agora digo-te que se seguras esta folha nas tuas mãos é porque sempre o possuíste.

Possuis em ti o maior dos tesouros.

Sei que provavelmente esperarias encontrar ouro, jóias ou bens preciosos. Digo-te já que nunca possuí tal coisa. Mas nunca precisei de nada disso para ser feliz.

O maior tesouro, carrega-lo sempre contigo.

O teu tesouro é a Coragem, a Amizade, a Honestidade e a Inteligência.

Sim, porque só um menino corajoso e decidido entraria na Mina da Prata, tendo ouvido falar que estaria assombrada. Tu não recuaste!

Só um menino com amigos poderia ter resolvido o problema das cordas, porque elas estavam demasiado distantes para serem puxadas ao mesmo tempo por apenas uma pessoa. Tu tiveste a ajuda de um amigo.

Só um menino honesto decidiria entregar a moeda valiosa ao seu verdadeiro dono, abdicando de ficar com algo que não lhe pertencia. Tu assim fizeste e deste mostras de integridade e honestidade.

Só um menino inteligente conseguiria resolver o enigma do chapéu. Tu tiveste a inteligência e a astúcia para conseguires chegar até esta carta.

Conserva sempre contigo este tesouro. Usa-o todos os dias da tua vida, porque ao contrário de ouro e jóias, este nunca se gasta.

As figuras de madeira foram feitas para ti com muito amor e carinho. Guarda-as. Se algum dia te sentires perdido na vida, deixa que elas iluminem as coisas boas que tens em ti e te lembrem do tesouro que carregas contigo.

Até que a vida nos volte a juntar,

Beijos do avô,

Tito»

Os meninos ficaram calados durante algum tempo, perdidos nos seus pensamentos. A Pipas não conseguiu segurar uma lagriminha que lhe correu pela face.

– Era um grande homem, o teu avô... – disse pensativa. – Fez-te ver o tesouro que tens em ti.

– Que temos em nós! – emendou o Teco. – Quero dividir com vocês estas figuras de madeira. Sem a vossa ajuda não teria conseguido. Sinto-me muito orgulhoso por ter correspondido a este desafio do avô Tito.

– Realmente, a Coragem, a Amizade, a Honestidade e a Inteligência são grandes tesouros – refletiu a Nocas.

– Mas o teu avô esqueceu-se de um dos grandes tesouros deste mundo! – disse de repente a Pipas.

– Qual? – perguntaram a Nocas e o Teco em uníssono.

– As bolachas de manteiga da tua avó! – exclamou a Pipas a rir. – Para além de serem deliciosas, se não fossem elas, não teríamos começado esta caça ao tesouro!

Os três amiguinhos deram uma gargalhada e encaminharam-se na direção da casa da avó Esmeralda, pois estava quase na hora do lanche e eles não queriam perder mais uma travessa de bolachas acabadas de sair do forno!

FIM